O OCCIDENTE

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume | Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4 | 30 de Agosto de 1908 | Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 7 | N.º 1068

Centenario da Guerra Peninsular

Chronica Occidental

Guilherme de Azevedo, fazendo um dia a apologia do *Diario de Noticias*, dizia ser tão arguciosa, minuciosa e completa a informação d'esse jornal, que a gente, quando se levantava pela manhan, a primeira coisa que fazia era lê-lo, para saber se não haviamos sido aleivosamente assassinados emquanto dormiamos.

Depois do *Diario de Noticas* veiu o *Seculo*, depois do *Seculo* vieram outros, e todos esses, agora, porfiam em trazer o seu publico cada vez mais bem informado, a respeito de tudo e a proposito de tudo.

Chegaram as coisas a ponto tal, que não é já só o publico a aproveitar-se do que os jornaes indagam e averiguam: é tambem a policia, que todas as manhans o consulta para saber se foi com efeito Josefa Maria quem esganou a varina do cordão de oiro, ou se o melro Affonso de Sousa já chegou a Paris com as duas madamas que levou no automovel.

Falamos da morte da varina e da burla da venda dos predios, como poderiamos falar da creança estrangulada que apareceu na escada da casa ao lado do Sr. Ramiro Leão, ou do pequeno bofarinheiro assassinado na Serra de Monsanto.

Os casos de investigação criminal pelos jornaes de Lisboa são do dominio de toda a gente, e já não é possivel dizer que, se constituem razão de muito elogio para o modo por que está sendo compreendida entre nós uma parte da ação da imprensa, não é menos certo que, por outro lado, estão colocando numa situação extremamente desvantajosa a policia.

Quer isto dizer que os reporters são incomparavelmente mais argutos que os agentes da Judiciaria? Por modo nenhum.

Isto quer dizer, simplesmente, que os reporters se servem de meios de investigação muito mais eficazes e rapidos que aquelles de que se serve a policia.

O reporter, claro está, não vae logo direito ao ponto que quer encontrar. Faz rodeios. O rodeio, na informação dos jornaes de grande publicidade, é muito necessario. O publico que mais lê esses jornaes ama o rodeio. Se se lhe diz logo tudo d'uma assentada, isto desgosta-o. Noticiar um horroroso crime praticado em singulares circunstancias de misterio, e desvendar ao mesmo tempo, no mesmo dia, no mesmo jornal, todo o misterio de que o criminoso cercou a sua obra nefanda, é uma impericia indigna do reporter que conhece o seu oficio e se presa de o conhecer. O que convem é demorar.

Isto, bem entendido, só no ponto de vista do mister da imprensa. Se a policia, por seu turno, começa tambem a querer lançar a anciedade no animo do publico e a fazer rodeios para melhor alimentar e protelar essa anciedade, então, temos conversado! Não ha estrangulador que se deixe ficar á espera de que o agarrem, nem ladrão que não galgue a fronteira.

Pelo relato das averiguações a que têm podido chegar os nossos grandes jornaes para a descoberta dos auctores de alguns dos ultimos grandes

O Padrão da Batalha de Vimeiro, inaugurado em 21 do corrente — Officiaes representantes dos antigos regimentos de Artilharia 4, Cavalaria 6 e Infantaria 12, 21 e 24 que tomaram parte na batalha de Vimeiro

(Clichés Benoliel)

crimes, vê-se que os meios suasorios são aquelles que ainda assim actuam mais eficazmente no animo dos criminosos ou dos supostos criminosos.

Josefa Maria, sobre quem recáem as mais vivas suspeitas de ter sido a assassina da pequena varina na azinhaga de Santa Luzia, se não o é, ha de com certeza estar já, no momento em que se escreve esta chronica, inteiramente convencida de que o crime foi, com efeito, praticado por ella. Essa convição ter-lh'a-hão dado os reporters do *Diario de Notias* e do *Seculo*. E isto compreende-se: pois se toda a gente que lê esses jornaes está já convencida de que foi ella a assassina, por que razão é que só ella, Josefa Maria, ha de teimar em se não deixar d'isso convencer?

Nós não temos a pretensão de ser mais finos que a policia de Lisboa — deixem-nos levar a modestia a este excesso. Não andamos tambem atacados da mania de investigação á Sherlock Holmes. Mas permitam-se-nos alguns alvitres em materia de investigação criminal, num momento em que, como este perigoso momento que passamos, tanto a policia carece de que a ajudem.

A policia, logo que recebesse a participação do crime, a primeira coisa que deveria fazer seria o mandar expedir uma circular a todos os jornaes, concebida nestes termos: — «Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Redactor principal do jornal (1)... Acabando de chegar ao nosso conhecimento a noticia de haver sido praticado um (2)... crime de (3)... nest (4)... e sendo de toda a conveniencia que a imprensa auxilie as diligencias da policia, com os excelentes meios de investigação de que dispõe, rogo a V. se sirva delegar em um dos seus mais (5)... reporters a missão de acompanhar de perto os trabalhos a que vamos proceder para descobrir o criminoso. No caso de V. suspeitar, por quaesquer motivos cuja apreciação deixamos ao seu muito alto criterio, que V. mesmo, ou algum dos seus collaboradores, ou pessoa de sua familia, ou do seu conhecimento, seja o auctor, ou cumplice, do crime em questão, apelamos ainda para os altos sentimentos de humanidade que distinguem o nobilissimo carater de V., afim de que V. se considere imediatamente sob prisão, ou dê voz de prisão á pessoa ou pessoas sobre quem recáiam as suas sempre bem fundamentadas suspeitas. Deus Guarde a V., etc., etc.»

Ao mesmo tempo seria afixado nos logares do costume, e publicado três vezes consecutivas no *Diario do Governo* um edital mandando apresentar em qualquer das esquadras, e no praso de três mêses a contar da data que tivésse o edital, o autor ou autores, cumplices, receptadores, afim de confessarem o crime ou prestarem declarações; e bem assim todos aquelles que, direta ou indiretamente, podessem auxiliar as diligencias policiaes, já como testemunhas, já como denunciantes.

Nesse mesmo edital se faria saber que em qualquer das esquadras seriam aceites todas as informações, indicações e alvitres, que podessem contribuir para a descoberta do criminoso ou criminosos, por escripto anonimo ou assignado, exigindo-se neste ultimo caso a assignatura devidamente reconhecida por tabelião.

Aos representantes da Imprensa junto da policia seria facultado o exame de todos os documentos, indicios e pistas que dissessem respeito ao crime, e permitida a sua publicação na integra no corpo do jornal.

Findo o praso de três mêses fixado pelo edital, se o criminoso ou criminosos não se houvessem apresentado, ou não tivésse a policia recolhido todos os dados necessarios para a sua perseguição, seria esse praso prorogado por mais trinta dias, findos os quaes poderiam então ser postos em liberdade todos os individuos presos por suspeitas.

Acontecendo, porém, apresentar-se ou descobrir-se o criminoso, ou quem suas vezes fizesse com procuração bastante passada pelo mandante e assignada por duas testemunhas, a policia tomaria e designaria neste caso todas as medidas que julgasse convenientes para se obter, por meio de declarações do criminoso ou criminosos, acareações, visitas ao local do crime, exame de instrumentos do crime, autopsias, etc., a perfeita reconstituição do acto criminoso, com destino a ser publicada nos jornaes.

Sendo necessario proceder-se á exhumação do cadaver da vitima, e tendo decorrido tanto tempo depois do delito que não se soubesse já ao certo onde esse cadaver poderia parar, oficiar-se-ia então ao Padre Eterno pedindo que, no dia do Juizo Final, elle se dignasse mandar que a vitima ficasse esperada, afim de ser possivel proceder-se a novas diligencias e investigações.

João Prudencio.

(1) O nome do jornal.
(2) Nefando, horrivel, estupendo, revoltante.
(3) Assassinio, roubo, attentado contra a moral, etc.
(4) Neste ou nesta... concelho, freguezia, cidade, villa, etc.
(5) Intelligentes, activos, perspicazes, talentosos, competentes, etc., etc.

Centenario da Guerra Peninsular

Inauguração do Padrão comemorativo da batalha do Vimeiro

Ha cem annos, no dia 21 de agosto de 1808, na aldeia de Vimeiro, assente junto á margem direita do rio Alcabrichel e a uns quatro kilometros distante do mar, feriu se ali a celebre batalha que decidiu da sorte do exercito invasor francês, do comando da general Junot, derrotado pelas forças aliadas inglêsas e portuguêsas, sob o comando do general inglez Wellesley.

Junot, vendo-se perdido, retirou como poude com o resto do seu exercito, grandemente dizimado, para os desfiladeiros de Torres Vedras, e apressou-se a negociar a capitulação, chamada de Cintra, mas que foi assignada por Junot na Maceira, e desgraçadamente aceita por Dalrymple, general inglez que veiu tomar o comando do exercito aliado, e que chegou com novas forças inglêsas, quando acabava de dar-se a gloriosa batalha.

E' este feito que o padrão, inaugurado em 21 do corrente em Vimeiro, comemora. A inauguração foi um acto solemne a que assistiu Sua Magestade El-Rei D. Manuel acompanhado por Sua Alteza o Infante D. Affonso, os srs. Presidente do Conselho, ministros da Guerra, Estrangeiros e Obras Publicas, deputações da camara dos pares e deputados, e a comissão militar executiva da comemoração oficial do Centenario composta dos srs.: general de brigada João Carlos Rodrigues da Costa, presidente; coroneis, do serviço do estado maior, Alfredo Pereira Taveira de Magalhães, e do estado maior de artilharia, Jayme Leitão de Castro e Maximiliano Eugenio de Azevedo; do tenente-coronel de cavalaria, adido, Christovão Ayres de Magalhães Sepulveda; dos majores, do estado maior de engenharia, João Severo da Cunha, e do quadro de reserva, Guilherme Luiz dos Santos Ferreira; dos capitães, do estado maior de infantaria, Luiz Henrique Pacheco Simões, do estado maior de artilharia, José Justino Teixeira Botelho, e de artilharia e do serviço do estado maior, Amilcar de Castro Abreu e Motta, e do tenente da administração militar, Adelino Augusto da Fonseca, vogaes; representantes da imprensa, etc.

A' chegada do comboio real a Torres Vedras, cerca das 10 horas da manhã, aguardavam Sua Magestade na estação, todas as autoridades militares, eclesiasticas e civis da terra, o sr. governador civil, administradores dos concelhos de Torres e Lourinhã, e grande quantidade de gente, em que as pessoas mais qualificadas da vila e seu concelho se confundiam com os humildes filhos do povo, todos na ancia de vêr o seu novo rei e de lhe prestarem suas carinhosas homenagens, espontaneas e sinceras, em calorosas aclamações e palmas com que o receberam.

Uma força militar fazia a guarda de honra com a respectiva banda, e, emquanto esta tocava o himno nacional á chegada de El Rei, estralejavam no ar sucessivas girandolas de foguetes, que caracterisam toda a festa portuguêsa.

Torres Vedras está engalanada de bandeiras e galhardetes, que balouçam á mercê do vento, em mastros afestoados de verdura e flôres, que ladeiam toda a Avenida Casal Ribeiro, inundada da grande luz do sol, que mais faz realçar as multicôres das *toilettes* das damas, que se debruçam das janellas e nos palanques armados ao longo da avenida, esperando a passagem de El-Rei e sua comitiva.

Musicas tocam em coretos caprichosamente decorados, e o povo invade o transito por onde devem seguir os automoveis em sua vertiginosa carreira.

E' pena que El-Rei vá assim escondido ás vistas da população que o aclama, e as senhoras por mais que se esforcem das janellas e dos palanques para o verem, não logram o seu desejo.

Desde que toda a comitiva segue em antomoveis para o Vimeiro, acabou-se a descrição de viagem, substituida pelas nuvens de poeira que sufocam e cegam, nada deixando vêr, ainda que fosse possivel ver alguma coisa na velocidade de 40 kilometros á hora.

Vimeiro dista 20 kilometros de Torres Vedras, tanto basta para saber que a viagem se fez num abrir e fechar de olhos, o que foi providencial para não arruinar de todo os pulmões ou ficar cego, pois lá se diz: «pouca péste não mata».

Achámo-nos em pleno Vimeiro, como um sonho, e a pobre aldeia lá se estende pelo valle cercado das alpestres montanhas donde Wellesley varou o exercito de Junot.

E' lá, no chamado alto do Cutelo, que se levanta o padrão comemorativo.

Mas a aldeia está em festa, como nunca. Recebe a visita do Rei de que não conta talvez outra na sua historia, ainda que sua fundação vá aos tempos prehistoricos. Mastros com bandeiras levantam-se quasi tão altos como as suas montanhas, no ar esfusiam centenares de foguetes, trôa a artilharia, musicas tocam o himno e damas de distinta elegancia e formosura abrem alas para El-Rei passar, dando-lhe palmas, por entre as aclamações do povo.

As autoridades locaes e as camaras da Lourinhã, Cadaval e Obidos aguardam a chegada de Sua Magestade num rico pavilhão armado de veludos e sedas, para a receber.

El-Rei a todos acolhe com amabilidade estrema, sorrindo e agradecendo com palavras de reconhecimento a franca, sincera e festiva recepção que lhe fazem. Pouco tempo se demora no pavilhão onde lhe são feitas as apresentações oficiaes, pelo administrador da Lourinhã, sr. S. Boaventura, e dali segue no automovel e mais toda a comitiva para o alto do Cutelo, onde se ergue o padrão.

E' lá o acto oficial da inauguração, e proximo ao monumento está armada uma barraca de campanha, onde é assignado o auto. O batalhão de caçadores 5 com a banda faz a guarda de honra, e em volta do padrão, formam contigentes dos corpos referentes aos que em 1808 tomaram parte na batalha de Vimeiro. Mais distante uma bateria de artilharia 1 deve dar a salva ao descerrar-se o monumento da bandeira que cobre a base onde vae lêr-se a legenda:

A EXPEDIÇÃO BRITANICA SOB O COMMANDO DO
GENERAL WELLESLEY. TENDO DESEMBARCADO EM
LAVOS E REUNIDO A SI TROPAS PORTUGUEZAS
MARCH 'U SOBRE LISBOA. BATEU AS AVANÇADAS INIMIGAS
NA ROLIÇA E SENDO ATACADA PELO EXERCITO
DO COMMANDO DE JUNOT. NESTES SITIOS DO VIMEIRO
ALCANÇOU SOBRE ELLE UMA GLORIOSA VICTORIA

A comissão executiva do centenario aguarda El-Rei, que á chegada é recebido com vivas e grandes demonstrações de simpatia. Os vereadores das camaras, já mencionadas, tomam logares junto ao monumento, muitas senhoras e cavalheiros seguem, presorosos, Sua Magestade, e grande massa de povo, a custo é contida por numerosos cabos de policia do concelho, que nunca se viram em taes apertos, com os seus eloquentes varapaus de rijo zambujeiro e marmeleiro.

Mas não ha que recear; ao bom povo vão-se-lhe os olhos no seu joven rei, e não se farta de gabar sua bêla figura, naturalmente atraente, que a todos desperta simpatia. Os cuidados e receios de que o elemento oficial rodeia o soberano, parecem exagerados; não crêmos que houvesse ali um só filho do povo, menos respeitoso pelo seu rei, que se encontrava no meio de bons e leaes portuguêses.

A festa a que El-Rei assistia era uma comemoração da lealdade secular deste povo e do seu heroismo na defesa da patria e sustentaculo do trono.

No discurso do presidente da comissão executiva, sr. general Rodrigues da Costa, exalta-se essa lealdade e patriotismo do povo português a par do heroismo com que restaurou a independencia nacional e o trono secular de seus reis. Nesse discurso o orador resume a historia da guerra Peninsular e em especial a da batalha que ali se deu e poz termo á primeira invasão francêsa.

Por sua vez o sr. ministro da guerra lê um discurso em que explica como se organisou aquella festa e se resolveu levantar aquelle padrão comemorativo da batalha de Vimeiro, fazendo tambem a resumida historia da invasão francêsa cujo epilogo foi a celebrada batalha, que abateu o poder de Napoleão I.

Estes discursos terminaram por vivas a D. Ma-

noel II e a Portugal, os quaes foram calorosamente correspondidos por toda a assistencia.

Fála então El-Rei:

«Celebra-se hoje o centenario do combate de Vimeiro.

Aqui nos reunimos para solemnemente consagrar immorredouro padrão ao brilhante feito d'armas, primeiro d'essa longa série, atravez da qual se affirmaram o patriotismo dos nossos maiores e a sublime decisão do nosso povo na defeza da sua independencia e libertação do solo sagrado da Patria!

O general Rodrigues da Costa e o meu ministro da guerra, o general Sebastião Telles, deram-nos a impressão quente e sentida do que foi essa Guerra Peninsular, esse periodo doloroso da nossa historia, dos mais dificeis que Portugal tem atravessado e do qual resurgiu coberto de louros e de gloria, colhidos pelo seu exercito, alcançado pelo seu povo!

Angustiosa, mas extraordinaria epoca, em que tivemos a lutar a nosso lado, quem não posso nem quero neste momento esquecer, a Inglaterra, a grandiosa nação, desde seculos nossa alliada; e empenhada na mesma contenda a visinha e amiga Hespanha, nossa irmã na peninsula.

Não me cabe, nem me proponho refazer o quadro brilhante que perante os vossos olhos foi posto nas orações precedentes.

Mas, não podia faltar neste logar e nesta occasião: e vindo, não me consentia o meu coração de verdadeiro português um indifferente silencio.

Aqui se reune o povo em piedosa e patriotica romagem; e, vindo o povo, com elle vem o seu Rei para o acompanhar nas suas patrioticas expansões que em absoluto sente, e para proferir estas singelas mas sinceras palavras em louvor e memoria d'aquelles que ha cem annos neste mesmo logar e neste mesmo dia, aqui pelejaram e venceram o combate de Vimeiro!

Honra e gloria aos libertadores da Patria!

Meus senhores: Quando releio e relembro toda a nossa Historia, a formação da nossa nacionalidade, as nossas descobertas e conquistas, a nossa expansão e dominio, a aspera defeza da nossa independencia, por vezes ameaçada e sempre mantida, como o foi durante essa Guerra Peninsular, de que hoje celebramos o primeiro episodio, sinto invadir-me o orgulho, de um modo tão sublime expresso nos versos do nosso grande épico:

«e julgareis qual é mais excellente,
se ser do mundo rei se de tal gente!»

Sim: Rei de tal gente! Com ella e ao lado della sempre.»

As palavras de El-Rei, atenciosamente ouvidas, são coroadas de entusiasticos aplausos, com que novamente o aclamam.

Sobre a mesa em que ha um seculo foram assignados os perliminares da paz, obsequiosamente cedida pelo seu proprietario o sr. dr. Justino Xavier da Silva Freire, é agora assignado por El-Rei o auto da inauguração do monumento, seguindo se as mais pessoas presentes.

El-Rei volta junto ao monumento e recebe os cumprimentos dos oficiaes de cada um dos contingentes que ali representam os antigos regimentos portuguêses, que tomaram parte no combate de Vimeiro: artilharia 4, cavalaria 6, e infantaria 12, 21 e 24. Desses oficiaes se despede com um aperto de mão, e segue para o automovel, por entre as aclamações que não cessam, e as alas de formosas senhoras que lhe juncam o caminho de flôres.

El-Rei ordena para que a policia deixe acercar-se-lhe o povo, que jubiloso o saúda e vitoría, havendo mulheres que, num impulso carinhoso e humilde, se ajoelham para lhe beijarem a mão, mais comovendo o joven rei que, prosoroso, as levantava. Assim vae sendo aclamado até que o automovel real parte e os mais que o acompanham.

Cerca de 1 hora da tarde entrava o cortejo em Torres Vedras, na heroica vila cujos feitos se levantam na historia patria com tanto brilho, sendo côrte de reis que ali tiveram seus paços como D. Affonso III, D. Diniz, D. Fernando e D. João I, que em Torres Vedras reunio conselho e se foi com os infantes D. Duarte e D. Pedro á conquista de Ceuta, no anno de 1415. A formosa vila que ora vê suas linhas de fortificações derruidas, ante as quaes estacou Massena, *o anjo das vitorias*, e testemunha foram dos mais heroicos feitos de armas, em prol da liberdade pela qual ali morreu Mousinho de Albuquerque, nella nos encontramos, ao voltar do Vimeiro, de onde todos vêm cobertos de pó, não das batalhas que não se feriram, mas das estradas que os automoveis revolucionaram, e esse pó é tão espeço e abundante que cobre literalmente as fardas de branco e transfigura os rostos sendo dificil reconhecel os atravez da mascara de poeira que os reveste.

E' preciso uma hora de limpesa para todos se desempoeirarem e poderem assistir ao almoço real, servido na ampla sala do Club lindamente decorada e onde nas mesas brilham os cristaes e alegram as flôres com seu variado colorido. No coreto aberto na parede toca uma tuna da terra seus bandolinos e violas, emquanto os estomagos se confortam, e quando chega o *champagne* é o sr. general Rodrigues da Costa que levanta o primeiro brinde agradecendo a El-Rei a sua presença naquella patriotica solemnidade. Então ergue-se o presidente da comissão dos festejos da Lourinhã, sr. visconde de Palma de Almeida, que infringindo o protocolo, como elle mesmo declara, não lhe sofre o animo calar os sentimentos de sua fé monarquica, visto que da monarquia espera o bem da patria e confia em que El-Rei concorrerá para a rehabilitação della.

Estes brindes são calorosamente correspondidos e, levantando-se El-Rei para agradecer, faz-se silencio na sala. O Senhor D. Manuel, em extremo comovido, brinda pelos concelhos da Lorinhã e de Torres Vedras aos quaes deseja as maiores felicidades, e ao povo e exercito portnguês.

Novamente resoam na sala vivas aclamações, que acompanham El-Rei desde a sahida do Club até á Casa da Camara, onde se dirige com toda a comitiva. O povo póde agora vêr á vontade o Rei, porque este segue a pé por entre a multidão que o aclama com verdadeiro entusiasmo.

Na sala da Camara, vistosamente ornamentada, ha um docel de seda azul, sob o qual está um estrado com duas cadeiras de espaldar destinadas a El-Rei e ao Senhor Infante D. Affonso.

Ali recebe o monarca as felicitações da camara municipal numa alocução lida pelo presidente do municipio rev. conego Antonio Francisco da Silva, alocução a que El-Rei responde agradecendo todas as manifestações carinhosas de que tem sido alvo e que muito o comovem, fazendo votos pelas prosperidades daquelle povo que tão altos serviços tem prestado á patria.

Uma vibrante salva de palmas e repetidos vivas acolhem as palavras do Senhor D. Manoel. O povo, com consentimento de El-Rei, invade a Casa da Camara e passa respeitoso ante o trono, beijando a mão de Sua Magestade, que a todos acolhe com o seu habitual sorriso de bondade.

No largo, duas bandas tocam o himno nacional e os bombeiros fazem a guarda de honra. El-Rei sae da Casa da Camara e dirige-se para a egreja da Graça, a pé, pelas ruas enfeitadas de mastros e bandeiras e por entre o povo que abre alas e o vae aclamando por todo o trajéto.

Pouco se demora Sua Magestade na egreja da Graça onde, depois de fazer oração ao Santissimo, recebe os cumprimentos das deputações dos padres do Varatojo e do Barro, da irmandade, etc., partindo a visitar a magnifica estancia de aguas dos Cucos, para onde segue em automovel com sua comitiva.

Aguardam Sua Magestade e Sua Altesa na deliciosa estancia o proprietario sr. Dias Neiva, toda a colonia de aquistas, grande quantidade de povo, as musicas da guarda municipal e infanteria 2, que tocam o himno, e no ar estalam foguetes numa grande alegria de festa.

El-Rei visita rapidamente o edificio, porque a hora é adiantada para o comboio que deve partir ás 4 horas e cinco minutos.

O sr. Neiva tinha preparado uma taça de *champagne* para oferecer ao regio visitante, levantando-se brindes em honra do Senhor D. Manoel, acompanhados de entusiasticos vivas ao monarca, á familia real, etc.

A despedida de Torres Vedras á partida do comboio real, não foi menos entusiastica e antes mais se acalorou num verdadeiro dilirio, como raras vezes temos presenciado. As manifestações dos torrienses eram espontaneas e sinceras porque em todos os rostos se via viva satisfação, como se póde observar em alguns dos instantaneos que acompanham estas linhas, tirados pelos *reporters* artisticos do OCCIDENTE srs. Benoliel e Alberto Lima, tendo este ultimo ido num automovel Martini Brouhot da Empreza Automobilista *Veloz*, do sr. Jayme Guerra da Veiga Pinto, que bizarramente o ofereceu para este fim, e que fez o percurso de Lisboa até Vimeiro, cerca de 70 kilometros, em 1 hora e 25 minutos, o que é um dos maiores andamentos conhecidos.

C. A.

A Convenção de 30 de agosto de 1808

Vencidos no combate do Vimeiro, em 21 de agosto de 1808, e ameaçados de proxima e completa derrota, não só pela bravura dos soldados inglezes, como pela insurreição geral do paiz, os francezes cuidaram immediatamente de obter um armisticio ou suspensão de hostilidades, com o fim de se tratar de uma convenção para os francezes evacuarem o reino.

O general em chefe do exercito britannico, que era então sir Hew Dalrymple, expõe esse facto claramente na *Memoria*, publicada em 1830, sobre os seus feitos em Hespanha e Portugal.

Diz assim:

«... pouco depois da uma hora da tarde *(do dia 22 de ag sto)* o general Kellermann chegou aos quarteis de sir Arthur Wellesley, no Vimeiro, onde encontrou sir Harry Burrard e a mim. — O fim da missão do general Kellermann era propor da parte do general em chefe do exercito francez uma suspensão de hostilidades, com o fim de se accordar uma convenção definitiva para os francezes evacuarem Portugal com armas e bagagens. Os generaes sir Harry Burrard e sir Arthur Wellesley auxiliaram a discussão que houve n'esta conjunctura...—Tirado a limpo o armisticio, foi este assignado por sir Arthur Wellesley e pelo general Kellermann, o qual se retirou...»

A convenção, que foi em seguida negociada em Lisboa entre o coronel Murray e o general Kellermann — sem a presença de um só portuguez! — estatuiu o seguinte:

Evacuarem Portugal os francezes, não como prisioneiros de guerra, mas com armas e bagagens, a sua artilharia com sessenta cartuchos para cada peça, a cavallaria e a caixa militar; serem a bordo de navios inglezes transportados a França, onde poderiam servir; e poderem levar ou dispor livremente da propriedade do exercito, *ou da sua propriedade particular, de qualquer descripção que seja;*

Entregarem aos inglezes os arsenaes navaes e militares, toda a artilharia, armas, munições, praças e fortes do reino, a cidade, o porto e os vasos de guerra, as tropas hespanholas detidas a bordo, os doentes e feridos que não pudessem embarcar, e o resto dos provimentos do exercito francez;

Ficarem sob a protecção dos inglezes todas as pessoas notadas ou suspeitas de adhesão ao dominio dos francezes, quer naturaes do paiz, quer da França ou de nação sua alliada, que não quizessem acompanhar o exercito francez, e todos os empregados por nomeação do governo portuguez ou francez;

Finalmente, poder o duque de Abrantes mandar a França n'uma embarcação ingleza um official com a noticia da convenção.

A convenção ou tratado tem esta data: — *Dado e concluido em Lisboa aos 30 de agosto de 1808.*

Sobre este ponto citarei um despacho do proprio general Dalrymple, dirigido a lord Castlereagh, datado de Cintra a 3 de setembro de 1808:

«Depois de consideraveis discussões e repetidas referencias a mim, que fizeram com que me fosse necessario aproveitar do limitado periodo que se havia prescripto para a suspensão de armas, em ordem a mover o exercito para deante e pôr as differentes columnas nos caminhos por que deviam avançar, *se assignou a convenção e se trocou a ratificação aos 30 do mez passado* (agosto).»

Varios documentos confirmam isto mesmo.

Um officio de lord Castleireagh ao general Dalrymple, de 17 de setembro:

«Qualquer que seja o desgosto que S. M. tenha n'este momento, vendo *a convenção concluida aos 30 do passado* (agosto), pelo que diz respeito aos interesses da Gran-Bretanha, etc.»

A *Proclamação* de 10 de setembro dos commissarios britannicos e francezes, encarregados de fazer executar a convenção:

«Julgamos egualmente necessario fazer saber a todos aquelles, a quem pertencer, que a compra dos artigos tirados dos arsenaes publicos ou armazens, *desde o dia 30 de agosto*, ou qualquer objecto que legalmente se provar haver sido illegitimamente vendido ou distrahido em qualquer tempo, ainda anterior *ao dia 30 de agosto*, será nullo e de nenhum effeito, e os artigos usurpados

e os compradores sujeitos á pena decretada pela lei.

. . . .

«(Assignados)

«O commissario francez, para a execução do *Tratado de 30 de agosto — O general Kellermann.*

«*W. C. Beresford*, major general.

«*Proby*, tenente-coronel, commissarios britannicos.»

A participação do Conselho da Regencia para o principe regente no Brazil, datada de 18 de outubro de 1808:

«No dia seguinte *(ao da acção do Vimeiro em 21 de agosto)* obteve o dito Junot um armisticio tão vantajoso, que appareceu n'esta capital como vencedor, e fez depois, a 23, com a sua auctoridade as explicações que lhe pareceram. Entrou em negociação com os inglezes, e conseguiu a faculdade de evacuar com as suas tropas, bagagem, caixa militar e outras prerogativas, *por uma convenção que se ratificou a 30*, etc.»

Não é, pois, materia de duvida que a convenção de 30 de agosto de 1808 foi ratificada por Junot em Lisboa, onde tinha o seu quartel general, e por Dalrymple em Torres Vedras, onde era o quartel-general dos inglezes.

Assim o affirma tambem um escriptor contemporaneo d'esse acontecimento, e por isso digno de credito, José Accursio das Neves, que no tomo V da sua *Historia geral da invasão dos francezes*, diz o seguinte:

«De toda esta combinação de principios, de opiniões e de contradicções resultou ultimamente a convenção definitiva que vou copiar, e que, apesar de ter sido concluida e datada em Lisboa, ratificada pelo general em chefe do exercito britannico em Torres Vedras, onde então se achava o seu quartel-general, é geralmente conhecida pelo nome de convenção de Cintra.»

Tambem o general Dalrymple protesta na sua *Memoria* contra a falsa denominação — *de Cintra* — e as suas palavras são de muito peso:

«Denominação impropria e bem pouco feliz dada a este tratado, pois d'ella resultou a opinião de que elle foi effectivamente negociado e concluido n'aquella villa, em um certo palacio, o palacio dos Marialvas, comquanto Cintra ficasse na rectaguarda da «formidavel posição (1)», cuja posse foi alcançada pela convenção.» *(Mem.*, pag. 75, nota.)

O Pavilhão, em Vimeiro, onde foi recebido Sua Magestade e o Sr. Infante D. Affonso

(Cliché Benoliel)

El-Rei D. Manoel II em Vimeiro aclamado pelas senhoras, que lhe dão palmas

(Cliché Alberto Lima)

De volta de Vimeiro, as aclamações do povo

(Cliché Alberto Lima)

---

(1) Expressão de que se serviu sir Arthur Wellesley, depois duque de Wellington, para designar as fortes posições occupadas pelos francezes na occasião da proposta do armisticio e da convenção.

Centenario da Guerra Peninsular

E na mesma *Memoria* diz ainda quando foi que estabeleceu o seu quartel-general em Cintra:

«Tendo-se ultimado a convenção definitiva, as tropas do meu immediato commando principiaram a marchar no primeiro de setembro para as posições que deveriam occupar durante o embarque dos francezes; *e no dia 2 estabeleci o meu quartel-general em Cintra*...; de Cintra, portanto, foram datados e expedidos os meus despachos, que davam noticia dos tratados recentes.»

Vem a proposito observar que o duque de Abrantes, por mera inadvertencia, não ratificou a convenção no mesmo acto em que ratificou os artigos addicionaes, como se mostra de um officio de sir Hew Dalrymple ao general Bernardim Freire, datado de Cintra a 2 de setembro. Eis o que diz o officio:

«Tive a honra de transmittir a V. Ex.ª aos 23 do mez passado (agosto) varios artigos concordados para base de uma convenção para a evacuação de Portugal pelo exercito francez; e agora incluo uma copia da mesma convenção ratificada pelo general em chefe francez. Eu recebi o original d'este papel antes de hontem *(31 de agosto) mui cedo;* mas como o general francez omittiu accidentalmente o pôr a sua assignatura á convenção (assignando-se sómente no fim dos artigos addicionaes) fui obrigado a tornar-lh'a a mandar afim de corrigir este erro, etc.»

El-Rei D. Manoel II, nas ruas de Torres Vedras *(Cliché Benoliel)*

Se porventura o general Dalrymple não tinha posto a sua assignatura na convenção e nos artigos addicionaes, antes de a enviar para Lisboa ao general Junot, vê-se que então a ratificou em 31, que foi quando elle a recebeu *mui cedo*, assignada por Junot só por baixo dos artigos addicionaes, e será esta a maneira de acceitar a seguinte affirmação de José Accursio das Neves na sua já citada *Historia geral da invasão dos francezes*:

«Ratificada a convenção definitiva pelo general inglez em 31 de agosto, logo no dia seguinte remetteu a sua ratificação a Junot pelo tenente-coronel lord Proby, advertindo-lhe quizesse reparar um descuido que tinha tido, assignando sómente os artigos addicionaes, e não o corpo principal da mesma convenção.»

Apresentando aquelle documento por mera curiosidade, accrescentarei que Junot *corrigiu* o *erro* no dia 1 de setembro. Tal é, pelo menos, a interpretação mais plausivel d'estas expressões de sua esposa: «Le 1.er setembre le Traité avait été *ratifié*...»

Seguindo a opinião corrente de ter sido a convenção de 30 de agosto de 1808 celebrada em Cintra, o que era simplesmente impossivel, porque Cintra, como vimos, estava para além da «forte posição», que só por effeito do mesmo convenio foi entregue aos inglezes, lord Byron, que visitou o nosso paiz no anno seguinte, disse em prosa e verso que a convenção de 30 de agosto de 1808 foi assignada no palacio do marquez de Marialva, vulgarmente denominado dos *Seteais*, em Cintra.

Eis como elle se exprime no canto primeiro do *Childe Harold*, est. XXIV, XXV e XXVI:

«Este é o solar em que se congregaram os che-

A Comissão executiva das festas em Torres Vedras

Composta dos srs. dr. José Rodrigues dos Santos, dr. Pedro Augusto Pereira de Castro, João Ferreira Guimarães Junior, Manoel José de Paula Guimarães, Antonio Agostinho da Silva Henriques, Manoel Francisco Marques, dr. Justino Xavier da Silva Freire, Augusto Pinheiro da Silva José Maria de Miranda, David Simões, Conego Antonio Francisco da Silva e José Gonçalves Dias Neivas.

A Camara Municipal de Torres Vedras

Composta dos srs. Conego Antonio Francisco da Silva *(presidente)*, dr. Agostinho Cardoso, Francisco dos Santos Bernardes, José Ferreira Pinto Junior, Manoel Miranda Junior e Antonio Augusto Cabral.

(Clichés Alberto Lima)

Club de Torres Vedras, na rua Paiva Andrade, onde teve logar o almoço real.

fes. Oh! mansão ingrata aos olhos de um inglez! Ali mora um espirito ruim, que está a zombar perpetuamente. Coroado com o barrete da loucura, e envolto em pergaminho, traz pendente ao lado um sêllo e um rolo negro de papel, em que refulgem nomes famosos nos annaes da cavallaria, e que adornam tambem varias assignaturas, para as quaes aponta e ri, a bom rir, o maldito!

«Convenção — é o nome d'esse anão do inferno, que teve artes para os embair no palacio dos Marialvas; e, pondo-lhes os miolos a arder, (se é que os tinham) mudou em longo dó a vangloria de uma nação. A loucura pisou aqui aos pés o penacho do vencedor, e a politica reconquistou o que perdera a espada! Que louros pode haver para generaes como os nossos?... Ai do vencedor, não do vencido, desde que o triumpho, colhido por engano, esmorece nas praias lusitanas!

«E sempre, dês que se reuniu esse synodo marcial, a Inglaterra empallidece ao proferir o teu nome, ó Cintra! Vexam-se de o ouvir os homens do poder, e, corridos de vergonha, córariam, se pudessem!... Que juizo formará d'este facto a posteridade! Como a nossa nação e os nossos alliados não hão de escarnecer estes capitães defraudados da sua gloria por inimigos, a quem tinham derrotado na peleja, mas que triumpharam aqui, para onde fica o desprezo a apontar com o dedo por essas eras além?»

A posteridade formulou, ha muito, o seu juizo sobre a convenção de 30 de agosto de 1808. A suprema vantagem da evacuação de Portugal por parte dos francezes cegou os vencedores a ponto de lhes concederem quasi tudo o que elles pediam. Quasi tudo, digo, porque as negociações estiveram prestes a romper-se por mais de uma vez, e a guerra a rebentar de novo — taes e tantas eram as exigencias dos francezes. Afinal de contas, era nosso o que elles levaram, e com isso pouco se importavam os inglezes!

E esta convenção veiu a chamar se de Cintra... porquê? Naturalmente, porque, quando se espalhou a noticia d'ella se ter celebrado, já os inglezes estavam em Cintra, para onde tinha ido o seu quartel general a 2 de setembro; e seria talvez esse o unico motivo que teve o espirito publico para dar á convenção o nome da poetica villa.

ALBERTO TELLES.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XV

(Continuado do n.º 1066)

Foram, em parte, estes acontecimentos que suscitaram á Junta do Comercio a ideia de estabelecer uma escola publica daquella manufactura no pavimento terreo das casas que tinha alugado para as suas sessões, defronte do Colegio dos Nobres. Tal ideia foi apresentada, juntamente com outras, em consulta de 24 de abril de 1758, designando-se para professor e mestre da fabrica o dito Belingne ao qual se propunha uma ajuda de custo de 200$000 réis annuaes, paga pelo cofre da Junta, afóra os produtos da oficina que ficariam livres para elle. A resolução régia de 27 do mesmo mês e anno aprovou o projecto.

Tal fabrica passou depois das mãos de Belingne para as de Miguel Menescal da Costa que ainda dirigia ao tempo da sua anexação ao novo estabelecimento.

* * *

Já em 1766 se projectára uma oficina tipografica. O plano para a sua creação feito por ordem do conde de Oeiras foi elaborado por um tal Nicolau Pagliarini, que veio a ser o primeiro director da Imprensa Regia.

O sitio para aquella oficina ficava, segundo o projecto, junto ao Colégio dos Nobres da parte do Rato.

Constava o novo estabelecimento, que nunca chegou a executar se, de differentes edificações, separadas umas das outras, tendo a maior dellas duzentos palmos de comprido e vinte e quatro de largo.

Juntamente com o plano para a fundação da oficina vem, no manuscrito original que possuo, a planta do edificio e a relação circumstanciada, não só de todas as divisões e da sua utilização para fundição, composição, etc., como tambem um curiosissimo apontamento de todos os tipos existentes nesse tempo e dos que seria mistér adquirir no estrangeiro para a nova oficina.

O orçamento de obra, apenso tambem ao manuscrito, estava computado em sete contos de réis.

A razão porque o projecto de Pagliarini se não chegou a executar é que eu ignoro. Não me parece crivel que fosse a falta de dinheiro. E' mais natural que, tendo-se dilatado a sua execução, ficasse a obra prejudicada pela creação da Imprensa Regia, dois annos depois, tanto mais que o Colégio dos Nobres ficou usufruindo na nova fundação privilegios muito especiaes. E não era justo conceder lh'os tendo-se-lhe feito abortar a esperança de uma tipografia propria?

* * *

O primeiro administrador technico da Imprensa Regia foi Miguel Menescal da Costa e o primeiro director foi, como já disse, Nicolau Pagliarini.

Durante a administração de Miguel Menescal, progrediu imenso a oficina. A's suas boas qualidades de administrador zelozo, activo e economico se deve, sem duvida, o estado prospero em que deixou a oficina, provida de bons instrumentos, de grande quantidade de papel e de outros progressos (1).

O decreto de 22 de abril de 1766, transferiu para a Junta de Administração das Fabricas do Reino toda a intendencia e inspecção que o alvará de 24 de dezembro de 1768 tinha concedido á Junta do Comercio sobre a directoria da Tipografia Regia, e a inspeção da impressão, propriamente dita, para a Mêsa do Conselho geral para exame e censura dos livros, ficando deste modo estes estabelecimentos, embora juntos na mesma casa, sujeitos a diversas inspeções.

Por carta de lei de 17 de dezembro de 1794, foi novamente transferida a Imprensa Regia para a tutoria do Real Erario e por decreto de 7 de dezembro de 1801 se lhe reuniu a fabrica de cartas de jogar tirando-se da intendencia da direção da Real Fabrica das Sêdas.

Pelo mesmo decreto ficaram estes dois estabelecimentos sob a direção Junta Literaria, que tinha como presidente o presidente do Real Erario. Esta Junta veio, por sua vez a ser a extinta em 1810, sendo substituido na superintendencia desses estabelecimentos, por um administrador geral, debaixo da inspecção do presidente do Real Erario.

* * *

Por falecimento, em 1 de dezembro de 1801, do administrador Menescal, foi a administração da Imprensa conferida a uma Junta Administrativa Economica e Literaria, composta de um director geral, um conservador, dez deputados, afóra os oficiaes da contadoria. Entre esses deputados havia homens ilustradissimos como Frei José Mariano da Conceição Veloso, grande amigo de Bocage, insigne botanico e sabedor do seu logar, pois já fôra administrador da chamada Casa Literaria do Arco do Cego, estabelecimento este que fôra incorporado na Imprensa, por decreto de 29 de dezembro de 1801. (2).

A' iniciativa d'esta Junta se deve a fundação de uma fabrica de papel, em Alemquer, em agosto de 1802.

Esta fabrica foi a primeira que houve em Portugal e constituiram na uma empreza de capitalista á frente da qual estava, como garantia o nome de Joaquim Pedro Quintella — o argentario mais liberal e mais bem intencionado que tem tido o nosso pais.

Poucos annos esteve a fabrica em laboração — durante as invasões francêsas sofreu tratos de polé a ponto de ficar quasi destruida. Em 1851 foram as ruinas postas em hasta publica sendo adquiridas por uma nova companhia que conseguiu pô la em laboração e desenvolve-la.

Tal empreza foi feliz e hoje a fabrica de Alemquer é uma das melhores senão a melhor de todo o reino.

(Continúa.) G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) A Impressão Régia desde 7-2-1769 em que Menescal começou a sua administração, até 30-12-1789 dando lucro, 78:339$124 réis.

(2) Fora creada no tempo do ministerio presidido por D. Rodrigo de Sousa Coutinho – Ali se imprimiram diferentes obras de sciencias naturaes.

DR. TRINDADE COELHO

II

Fiel ao compromisso commigo mesmo tomado de dar seguimento e conclusão ao artigo que para o OCCIDENTE escrevi em 10 do corrente sobre o doloroso e crudelissimo passamento do dr. Trindade Coelho, sob a impressão immediata dominante e acabrunhadora, que tão lamentavel successo acabava de inflingir-me, determina-me e move-me a completal-o desde já, força a que não sei nem quero furtar-me, resumbrante em toda a sua virtualidade e acção da mais viva dôr pelo tragico successo e da mais pungente saudade pela gloriosissima victima d'elle.

Para rasgar corpo e animo de tão rija tempera e de tão resistente e forte envergadura, como eram os do dr. Trindade Coelho, em quem á rijesa do fisico e inteiresa do moral, tão proprias e caracteristicas dos transmontanos, se reunia o mais manifesto e resaltante equilibrio de todas as faculdades corporaes e espirituaes, cuidadosamente cultivadas e conseguidas, podendo dizer se que elle a primor realisava em si e comsigo o *mens sana in corpore sano*, tornaram-se precisos poderosos motivos e formidaveis causas, e não só em uma unica ou mais investidas, mas actuando sempre e por dilatado espaço com incessantes e sempre crescentes embates. Não era elle de estofo, quer fisico quer moral, a deixar-se levar e vencer das primeiras arremettidas de má sorte, e d'esta affirmativa que sciente e conscientemente aqui registo, sobejas provas deu elle durante todo o curso de sua existencia.

E' bem de vêr que muitas e diversas foram por certo, e encontradas, as correntes, precipites e avassaladores, contra que elle teve de luctar e que a final o venceram, quebrando-lhe as energias nativas e conquistadas á força de trabalho e de inteireza de caracter, e, fazendo-o sossobrar na irresistivel e voraz maelstrom do suicidio.

> Homem de um só parecer,
> De um só rosto, uma só fé,
> D'antes quebrar, que torcer

no dizer conceituoso de Sá de Miranda, a Trindade Coelho applicavel mais do que a ninguem, arcou e luctou elle emquanto pôde contra as arrancadas da desventura, e contra as torpesas do meio em que teve de viver, sem jámais se deixar torcer, mas o esforço foi tamanho e tão travada a lucta que, apesar de atleta no corpo e na alma, refractario sempre a deslisar do caminho que se pautára, direito e sem curvas, teve por fim de quebrar e pedir á paz do tumulo o socego, e quem sabe se a recompensa e o premio, que tão bem havia pleiteado e ganho, e que tão descaroadamente lhe foram negados sobre a terra.

Muitos e multiplices, disse eu, e firmemente o tenho para mim, foram as causas que levaram o dr. Trindade Coelho a cortar, em plena maturidade, o fio de sua existencia tão aproveitada e tão proveitosa e suggestionante de salutares e admiraveis doutrinamentos e exemplos, e a este pensar e formular me leva tudo o que atraz deixo enunciado sobre os predicados e qualidades que elle em si congregava.

Mas quantos e quaes foram os motivos que por tal modo actuaram em seu animo, lh'o esmoreceram e levaram de vencida? Para crêr é que nunca ou bem tarde venham a saber-se em seu conjuncto, levando elle comsigo para o tumulo o segredo de muitos d'elles, e por ventura do ultimo que enchendo lhe a medida do soffrimento e a força da resistencia, precipitou o miserando desenlace da lucta travada, quando cousa alguma para tão breve e tão lastimoso o denunciava. E em todo o caso, cedo é para desvendamento inteiro do misterio que o envolve.

Não obstante, tudo leva a crêr, resaltando da comprehensão do caracter lidimo e pundonoroso de Trindade Coelho, posto em parallelo e confronto com os successos em que se viu envolvido nos ultimos tempos da sua existencia, que mais do que tudo lhe quebrantaram a coragem e dobraram e dominaram a vontade, a ingratidão e o olvido a que se viu votado, nas horas mais angustiosas da sua vida, não só pelos poderes publicos de quem elle, mais do que ninguem, tinha incontestado jus a esperar cotada reparação de injustiças recebidas e, mais do que isso até, bem ganho e levantado galardão pelos tantos e valiosissimos serviços prestados á causa publica, de cujas justas reivindicações elle foi em toda a sua vida, e especialmente nos derradeiros annos, o mais convicto, o mais fervoroso, e o mais benemerito apostolo e campeão, mas ainda pelo publico, pelo povo, pela nação a quem elle tanto queria e a quem tanto e tudo sacrificou, e de quem,

em quasi seu conjuncto, nas horas de amargura e de provação, não recebeu, não teve nem consolações, nem alentos, nem incitamentos, nem vozes clamando que se lhes fizesse a tão devida justiça, mas tão só e apenas o mais descarinhoso e até descaroavel silencio, testemunho apparente da inteira indifferença se não completo esquecimento dos tantos serviços e beneficios que lhes deviam...

E' triste, dolorosamente triste o que acabo de escrever, mas tão triste como verdadeiro, dando do lastimando facto inconcusso testemunho o silencio que se adensou em toda a linha da imprensa, apenas cortado aqui ou ali por desmaiadas e apagadas vozes perdidas no acerbro d'aquelle após a queda da dictadura, e, o que é mais flagrante, após a vinda a lume, logo seguidamente a esta, da 2.ª edição do *Manual Politico do Cidadão Portuguez*, em volta do nome de seu tão conspicuo e nobilissimo auctor, e sobre e quanto á reparação e recompensa que devidas lhe eram por tantos e tão justos titulos, como todos os que o recommendavam á benemerencia publica, quer como magistrado integerrimo, adstricto cumpridor dos seus deveres, mas procurando harmonisal-os com o que a mais luminosa intelligencia e o mais aturado e consciente estudo lhe mostravam ser o justo e devido (1), quer como escriptor litterario um dos primeiros entre os primeiros em Portugal, e sem emulo a disputar-lhe competencia no genero dos *Meus Amores*, quer como jurisconsulto emerito e escriptor elucidativo dos negocios forenses, sobre que soube lançar a mais radiante luz, quer como pedagogo e educador da infancia, á qual toda queria com verdadeiro e intensissimo amor de pae, como bem o mostrou nos admiraveis livros que para ella escreveu; quer como apostolo do povo, para quem traçou além d'outras obras fructuosas, o admiravel *Manual Politico do Cidadão Portuguez*, verdadeiro codigo, e, mais do que isso, precioso e incomparavel evangelho e seguro guia por onde elle, o até hoje sempre explorado, aprender quaes seus direitos e quaes seus deveres e por onde e pela nitida comprehensão de uns e outros, se tornar bem apto e moldado para os reivindicar e cumprir, conquistando em tal modo todo o bem possivel sobre a terra...

Quanto não pesariam, no imo da consciencia, e no fundo da rasão do dr. Trindade Coelho esses dous terriveis e dissolventes factores, para o arrastarem ao lugubre epilogo de sua existencia em 9 do corrente.

. . . .

Muito haveria ainda que dizer na ordem de ideias em que me tenho deixado levar mas, ao menos por agora, tempo é de lhe pôr termo, por demasiado longo ir já meu discorrer.

RODRIGO VELLOSO.

QUATRO NOVELAS

POR

Anna de Castro Osorio

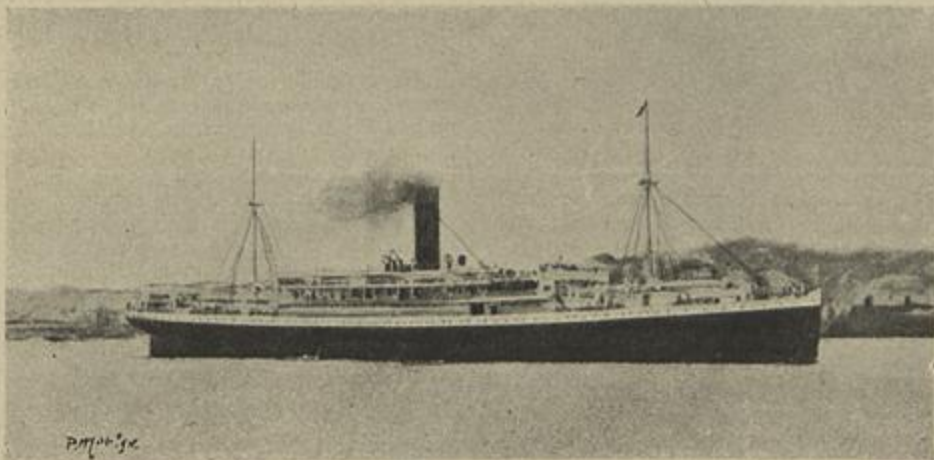
Subordinada ao titulo de *Quatro novelas* temos ante nossos olhos, uma linda brochura editorada pelo intelligente livreiro França Amado, de Coimbra.

N'essa elegante brochura se contêm *A vinha*, *A feiticeira*, *Diario d'uma criança* e *Sacrificada*, as quatro novellas firmadas pelo nome d'essa sympathica propagadora do feminismo e da educação infantil, a distincta — e bem distincta — escriptora setubalense, sr.ª D. Anna de Castro Osorio.

E' para quem firma estas modestas linhas de agradecimento á offerta com que nos distinguiu, tarefa ardua escrever algo sobre o merito d'esses quatro primores de boa prosa, desde que o assombroso poeta Gomes Leal, n'uma carta publicada no *Mundo* — o intemerato diario republicano — deu a sua opinião inconcussa e inapreciavel.

O mais que em nossas debeis forças cabe fazer é dar aqui a boa impressão que a leitura d'esse livro sádio se nos gravou no espirito.

Somos suspeitos em formar um juizo ácerca de obra d'essa amavel senhora que com gentileza nos prefaciou um livro de contos de Grimm — *Perolas e diamantes* — comtudo não queremos deixar de registar que as novellas que essa bonita brochura encerra são bem escriptas, n'uma linguagem singela, mas brilhante. As que mais nos agradaram são as que se intitulam *Diario d'uma criança*, *A feiticeira* e *Sacrificada*. Não queremos dizer — ao destrinçar estas tres novellas — que *A vinha* nos enfastiasse; aquellas, porêm, são muito humanas, muito sentidas.

A fina prosadora, que ora escreveu este livro, não é já uma estranha para a litteratura portugueza, pois que tem o seu nome ligado a varios outros trabalhos, como sejam: essa deliciosa collecção de contos *Para as crianças*; o lindo ramalhete de historias vividas *Infelizes*; o romance *Ambições*; o bem elaborado livro de propaganda feminista *As mulheres portuguesas*; aquelle soberbo livro de patriota *A minha patria*; alguns estudos pedagogicos; varias comedias infantis, bastante moraes; diversos escriptos soltos, além de artigos democraticos insertos na *Republica*, o avançado jornal do dr. Arthur Leitão, sob a modesta designação de *Por alto*... e que lêmos com verdadeiro prazer.

Este livro — *Quatro novelas* — foi escripto para os puros e bons; a sua leitura san deleita-nos tanto o espirito que lemos todas as novellas umas poucas de vezes sem que o cerebro se cançasse, bem pelo contrario fazendo com que se interessasse mais e mais pelo desfecho de cada uma das bem traçadas novellas.

Como isto não é critica, mas sim uma opinião de um modestissimo amador de livros e, conseguintemente apreciador de boa leitura, esperamos que a amavel senhora D. Anna de Castro Osorio nos perdôe estas linhas de homenagem ao seu alto valor de escriptora, mãe espiritual das creanças portuguêsas, patroeira do feminismo e grande democrata convicta, correligionaria portanto de quem subscreve este artiguinho.

D. ANNA DE CASTRO OSORIO

XXX–IV–CMVIII

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

O vapor «Hilary» da Booth Steamship C.º Ltd. de Liverpool

Esteve ha dias no Tejo, de passagem para o Pará e Manaus, o vapor *Hilary*, da Booth Steamship C.º Ltd. de Liverpool, de que é agente em Lisboa a antiga casa Garland, Laidley & C.º, uma das firmas mais respeitaveis d'esta praça.

O novo vapor *Hilary* destinado ás carreiras do norte do Brasil, é um dos melhores transatlanticos que fazem carreiras para o Brasil, reunindo ás maiores comodidades e confortos a perfeição e velocidade de suas maquinas que, lhe permitem fazer a travessia em menos tempo que os seus concorrentes, para o que possue os mais modernos aperfeiçoamentos.

Assim o poderam verificar muitas das pessoas que visitaram este navio, por amavel convite dos srs. Garland, Laidley & C.º, e de que nós fomos uma dellas.

O *Hilary* mede 434 pés de comprimento, por 52 de largo e tem registadas 6:500 toneladas. Tem dois helices movidos por maquinas de triplice expansão da força de 5:000 cavalos. A velocidade de andamento nesta primeira viagem deu a média de 16 milhas, ganhando 4 horas de avanço ás marcadas no itenerario, do Havre a Vigo.

O VAPOR «HILARY» NO TEJO

As experiencias que fez antes desta primeira viagem, despertaram grande interesse da imprensa inglêsa, que lhe teceu os maiores elogios, e o classificou um dos mais luxuosos e confortaveis transatlanticos da America do Sul, sendo o *Hilary* superior aos *Lanfranc* e *Antony* da mesma companhia e carreira.

A grande camara de jantar, os beliches, as galerias de passeio, sala de musica, etc., são de grande elegancia e fino gosto artistico, que fazem esquecer ao passageiro que vae sobre as aguas do mar. Tem uma enfermaria e botica, e tanto os passageiros de 1.ª classe como os de 2.ª e até 3.ª gosam de comodidadês como não se encontram no vulgar destes navios.

NECROLOGIA

Nery Delgado

A morte do general Nery Delgado, ocorrida no dia 3 do corrente, representa uma importante perda no meio cientifico de Portugal, porque o falecido era muito mais um homem de ciencia do que um militar que fizesse carreira pelas armas, entregando-se antes ao estudo da geologia, que mais atraiu sua atenção e em que fez notaveis trabalhos, considerados no país e no estrangeiro, seu nome era, talvez, mais conhecido no mundo cientifico.

Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado, nasceu em Elvas a 26 de maio de 1835, e tendo o curso do Colegio Militar, fez depois o da Escola Politecnica e o de engenharia que concluiu em 1855, com vinte annos de edade, o que basta para conhecer do seu aproveitamento e distinção.

No mesmo anno foi logo empregado nos trabalhos dos melhoramentos do rio Mondego, na Figueira, e assim principiou a sua laboriosa vida, de constante estudo e trabalho, passando em 1857 a adjunto da Comissão Geologica, que se organisou naquelle anno, e extinta que foi esta comissão Nery Delgado principiou a trabalhar com Carlos Ribeiro, na formação da carta geologica do reino, no que afirmou distintamente sua inteligencia e profundos conhecimentos desta ciencia, concorrendo para o seu progresso e levando a fama de seu nome até aos mais adiantados centros da ciencia.

(1) Bem justificada, assim, e de todo o ponto apropriada a comparação que Philaas Lebesgue, no seu *Le Portugal Litteraire d'aujourd'hui*, faz de Trindade Coelho, com o justamente celebre e bom juiz *Magnaud* de França.

General Nery Delgado

Em 1880 apresentou Nery Delgado, no Congresso Antropologico e Literario, reunido em Lisboa, trabalhos importantes, sendo um dos vice-presidentes do Congresso, em cujas discussões tomou parte com grande proficiencia, sustentando bem suas opiniões em oposição a Evans, Mortillet, Cartailhac, Schaaffhausen, etc., que altamente consideraram o saber de Nery Delgado, com o qual se ficaram correspondendo sobre assuntos da ciencia que professam.

Nery Delgado foi dos que mais trabalhou na organisação e preparação dos trabalhos daquelle congresso, altamente honroso para Portugal.

Eis a relação das suas principaes obras:

Estudos geologicos. Da existencia do homem no nosso solo em tempos mui remotos, provada pelo estudo das cavernas, Primeiro opusculo. *Noticias ácerca das grutas de Casareda* (Lisboa 1867); *Relatorio ácerca da arborisação geral do paiz* (com C. Ribeiro) (Lisboa, 1868); *Breves apontamentos sobre os terrenos paleozoicos de Portugal* (Lisboa, 1870); *Terrenos paleozoicos de Portugal. Sobre a existencia do terreno siluriano no baixo Alemtejo* (Lisboa 1876); *Carta geologica de Portugal* (com C. Ribeiro) (Lisboa, 1876); *Elogio historico de José Victorino Damasio* (Lisboa, 1877); *Relatorio da commissão desempenhada em Hespanha em 1878* (Lisboa, 1879); *La grotte de Furninha a Peniche* (Lisboa, 1880); *Relatorio e outros documentos relativos á commissão scientifica desempenhada em differentes cidades da Italia, Allemanha e França* (Lisboa, 1882); *Considerações sobre os estudos geologicos em Portugal* (Lisboa, 1883); *Carlos Ribeiro*, noticia necrologica publicada nas *Neues Jahrbuch fur Mineralogie, Geologie und Paleontologie* (Stuttgard, 1885); *Note sur les echantillons de Bilobites envoyés á l'exposition geographique de Toulouse* (Toulouse, 1884); *Estudo sobre os bilobites e outros fosseis dos quartzites da base do systema silurico de Portugal* (Lisboa, 1886); *Reconhecimento scientifico dos jazigos de marmore e de alabastro de Santo Adrião* (Lisboa, 1887); *Carta geologica de Portugal* com P. Choffat (1889).

Merecidas distinções lhe foram conferidas nacionaes e estrangeiras que mencionamos: Commenda de S. Bento d'Aviz, oficial da Legião de Honra, e da ordem da Corôa, da Italia; socio da Academia Real das Sciencias, do Instituto Geologico de Vienna de Austria, da Sociedade Anthropologica de Berlim, das Sociedades Geologicas de Italia e de França, da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes, da Sociedade de Geographia de Lisboa, etc. Pelos trabalhos scientificos foi premiado com a medalha de prata na exposição de Paris de 1867 e na de Philadelphia de 1876.

General Sanches de Castro

Em Viana do Castélo faleceu no dia 3 do corrente o general Caetano Pereira Sanches de Castro, que foi uma das figuras de mais destaque na politica portuguêsa do ultimo quartel do seculo que findou, e que, desde 1895, estava reformado e se retirara á vida particular.

Caetano Pereira Sanches de Castro nasceu em 1822, pois faleceu com 86 annos, e sentou praça em 1839. Seguindo o curso de engenharia foi promovido nos postos da sua arma, desempenhando importantes comissões de serviço, entre ellas a da defeza de Lisboa, de que foi presidente por morte do marquês de Sá da Bandeira, e a do comando do corpo de engenheiros.

General Sanches de Castro

Foi deputado em varias legislaturas e ministro da guerra em 1881, fazendo parte do governo presidido por Antonio Rodrigues Sampaio, em que tambem se estreiaram como ministros Lopo Vaz, Hintze Ribeiro e o actual chefe do partido regenerador, sr. conselheiro Julio de Vilhena.

Uma das medidas decretadas pelo seu ministerio foi a de acabar com as salvas de artilharia dadas pelo Castélo de S. Jorge, em vista das reclamações que os moradores das visinhanças de ha muito formulavam.

Varias condecorações nacionaes e estrangeiras distinguiam os serviços do ilustre general, que foi honra do exercito português, e que afinal morreu meio esquecido numa terra de provincia, não obstante seu funeral ter tido todas as honras militares.